

cuidam as sociologias especiais, correspondem mais ou menos ao que Dilthey, em sua notável "Introdução às Ciências do Espírito", chamou (com terminologia hoje discutível) *Sistemas da Cultura*. Para êle a arte, o direito, a religião eram sistemas através dos quais se realiza historicamente a vida dos indivíduos: êstes sistemas, interconexionados, desenvolvem-se dentro de um todo que é a realidade histórica e cultural.

É de aspectos, ou de faixas, ou de "sistemas" neste sentido, que tratam as diversas "sociologias". Um sociólogo não pode ser sociólogo se não tiver uma visão suficiente do panorama social inteiro, do mundo de relações que é o social; mas por outro lado é muito difícil que um sociólogo dê conta de tôdas as investigações abertas em tôdas as faixas, e então o normal é que êle se prenda mais a alguma delas (ou a algumas, no muito). Durkheim foi sociólogo da organização social, dos costumes, da religião e do direito; Joaquim Wach, sobretudo sociólogo da religião. Não quer dizer que um sociólogo *tenha* de optar por uma faixa, êle pode até ser filósofo e historiador além de sociólogo, dada a relatividade destas denominações. Vai aí, apenas, uma questão de predomínio de interesses ou de limitações de possibilidades. Em certos casos, os estudos de uma área podem inclusive completar e iluminar os de outra, como é o caso da sociologia jurídica e da sociologia política, ou o da sociologia econômica com a sociologia do trabalho, tão afins. Mas agora entraríamos no campo das "relações" recíprocas entre elas, o que não é assunto para êste capítulo.

A Incelença -

Aspectos Social e Dramático (*)

RUBEM ROCHA FILHO

Quem anda pelo interior do Nordeste, especialmente nos Estados de Pernambuco e Alagoas (apesar de Luís da Câmara Cascudo apontar Paraíba e Rio Grande do Norte como os centros principais), terá oportunidade de presenciar um velório, em que ainda se cantem incelenças, tanto na forma mais simples do bendito de defunto, como:

Ó Senhor
Ó Senhor
Orai por ela
Ó Mãe de Deus
Ó Mãe de Deus
Orai por ela

ou na forma mais tradicional, variando na numeração, como:

Um anjinho rezava
Pra Maria de Jesus
Ó Maria se alumeia
Ó Maria com uma luz

Dois anjinho rezava
Pra Maria de Jesus
Ó Maria se alumeia
Ó Maria com duas luz.

(Ambas recolhidas em Campina Grande, no Estado da Paraíba, mas difundidas por tôda a região).

Nas famílias de baixo nível econômico, com reduzido contacto com os padrões novos do progresso, o velório ou sentinela mantém um caráter tradicional, vulnerável apenas a poucas transformações. O rádio transistor, que tão profundamente influi sobre o meio, transformando gostos e vocabulários, chegando a descaracterizar por completo o repertório musical de muitas comunidades — como nas festas de São João, por exemplo — não é instrumento que possa estar perto de um moribundo ou de um cadáver à espera do entêrro.

Poucos fatos atuais, além disso, podem vir a interferir nas imagens de súplica que compõem as incelenças. O mais moderno acontecimento que constatamos produzindo uma série de novos cantos fúnebres é a intercessão milagrosa do Padre Cícero Romão Batista e sua santa vida. O impacto do Juazeiro — “Segunda Roma, Herdeira de Jerusalém, Vingadora de Sodoma”, como a consagram muitos folhetos de literatura de cordel — incorporou às incelenças um repertório de milagres e salvações próximas, de pontos de referências para exortações novas que hoje permanecem tão profundamente interligadas aos mais antigos santos da hagiografia católica ou às reminiscências bíblicas mais distantes.

Os testamentos e previsões do fim do mundo, deixadas na tradição popular pelo Padre Cícero, tema independente da vida particular do morto que se vela, tomaram a feitura de incelenças, como a que escutamos no interior do Estado de Alagoas (município de Viçosa), e que transcrevemos abaixo:

O Padre Cícero Romão
Tem fôrça que Deus lhe deu
É como João Batista
Assim Jesus escreveu
Êsse grande mensageiro
Na Matriz do Juazeiro
Novamente apareceu.

Chegou numa sexta-feira
Pra todo mundo ver
O seu manto côr do céu

Chegava a resplandescer
De cada lado uma luz
Viu-se o Menino Jesus
Nessa hora aparecer.

Meu Padrinho nesse momento
Começou com um sermão
Dizendo para os romeiros
Da Virgem da Conceição
Meus filhos cuidem em rezar
Que não tardarão chegar
Os anjos da perdição.

São os anjos do diabo
que chegam no fim da era
fazendo tanto milagre
que todo mundo os venera
saciando fome e sede
são iguais ao capa verde
correios da Besta Fera.

Meus filhos está chegada
a nossa era sangrenta
fome, sede, peste e guerra
duma vez tudo arrebenta
pois serão grandes horrores
vou falar sobre os clamores
daqui pra chegar 80

Nesta era de 50
vem a negra carestia
arrasando as criaturas
vamos tomar grande açoito
a agora em 58
principia as amarguras.

No ano 58
os lucros são sem igual
com abundante fartura

e um inverno geral
mas não terá serventia
por causa da carestia
arrasando o pessoal.

No ano 59
recomeça a agonia
fome peste sêca choro
tormento e carestia
emboca a terceira guerra
que chega a tremer a terra
como o profeta anuncia.

Assim que entrar 60
se alaga todo o sertão
no brejo choverá tanto
de azedar milho e feijão
emburaca a carestia
fome peste e agonia
e nação contra nação.

No ano 61
do Brasil ao estrangeiro
o povo tem de sofrer
no maldito cativoiro
da praia para o sertão
só se vê revolução
que abala o mundo inteiro.

No ano 62
a crise vai ser cruel
foi palavra que Deus disse
ao profeta Daniel
e quem não morrer vai ver
o que nesse ano chover
talvez não molhe um papel.

No ano 63
a 26 de janeiro

haverá um grande eclipse
visto até no estrangeiro
todos esperam o futuro
são os três dias de escuro
escurece o mundo inteiro.

Onde êsse eclipse passar
todo mundo tem de ver
o sol baixar os seus raios
a terra pegar tremer
com um calor tão tirano
que as águas do oceano
começarão a ferver.

No ano 64
é grande a perseguição
sairá o Capa-verde
pregando um grande sermão
oferecendo um tesouro
dando um rosário de ouro
por um da religião.

No ano 65
os dias ficam nublados
Virá o sol côr de sangue
mas com os raios dourados
se transforma o infinito
num dêsses dias o maldito
carrega os amancebados.

No ano 66
geme quem nunca gemeu
chora quem nunca chorou
sofre quem nunca sofreu
briga quem nunca brigou
dança quem nunca dançou
corre quem nunca correu.

No ano 67
já vai descambando a era

os anjos do anti-Cristo
 aparecerão de vera
 propagando as suas leis
 6 6 6
 o sinal da Besta Fera.

No ano 68
 como diz nas escrituras
 bom tempo por pouco tempo
 haverá muitas farturas
 porém vem o satanaz
 procurar pelos sinais
 as malditas criaturas.

No ano 69
 o anti-Cristo aparece
 com todos seus mensageiros
 castigando a quem merece
 cada um com uma cunha
 arrancando olho e unha
 de quem a Deus não conhece.

Logo que entrar 70
 no mundo sai um dragão
 nascido da própria terra
 pra roer o mau cristão
 a era vai ser maldita
 é quando o povo acredita
 no Padre Cícero Romão.

No ano 71
 chegará o rei na côrte
 criará a lei da fôrça
 da palmatória e açoite
 em vida eu sempre dizia
 meus filhos trabalhem o dia
 pra comerem de noite.

No ano 72
 fica tudo diferente
 as águas correm pra cima
 a chuva que cai é quente
 resplandecerá a luz
 é a vinda de Jesus
 pra salvar todo inocente.

No ano 73
 a crise será pior
 sofrerão fracos e fortes
 pequeno, médio e maior
 tudo sofre e não se expande
 é quando a roda grande
 passa dentro da menor.

No ano 74
 haverá mais agonia
 as árvores não darão frutos
 mulher não mais dará cria
 o vento que sopra é quente
 se acaba todo vivente
 como dizia a proferia.

No ano 75
 a 26 de São João
 surgirão uns gafanhotos
 vindos do centro do chão
 roendo os assinalados
 que já estão desprezados
 nos laços da maldição.

No ano 76
 terá riqueza geral
 ficará no mundo inteiro
 somente uma Capital
 as demais tem se arrasado
 porque já se tem acabado
 3 partes do pessoal.

No ano 77

Jesus virá das alturas
arrodado de anjos
vem julgar as criaturas
as boas vão com os Devas
as ruins ficam nas trevas
no reino das amarguras.

No ano 78

por ordem do Pai Eterno
descerá São Gabriel
e S. Miguel com um caderno
os bons já foram levados
e os maus serão trancados
nas profundezas do inferno.

Foi palavra que Deus disse
cada um pode esperar
o mundo já deu dois tombos
falta um pra completar
disse o Bom Deus Sacro Santo
mundo até mil e tanto
dois mil não há de chegar.

Adeus querido defunto
já fiz o último aviso
mandado por Jesus Cristo
que é o rei do paraizo
todos aceitem a benção
do Padre Cícero Romão
até o dia do JUIZO.

O velório da estranha e originalíssima incelença transcrita acima, decorrido no interior de Alagoas, foi pela morte do Sr. Francisco Fideles Batista, empregado de engenho. Obviamente a rezadeira plagiava de um cantador de feira, mas tendo a originalidade da ocasião onde aplicou seu canto e o ritmo fúnebre que empregou para os versos. Recolhidos em 1968, êsses versos apocalípticos tinham, entre outras peculiaridades, se des-

moralizado por tantas profecias obviamente não cumpridas. O que não deixava em má situação a rezadeira ou os mais fiéis seguidores do testamento do Padre Cícero. Datada, aproximadamente de 1957 ou 56, a incelença era justificada em cada ano por vagos acontecimentos longínquos, ou pela infinita clemência do Santo que foi livrando seus devotos de piores males. O absurdo da permanência e o uso tão exdrúxulo para a ocasião nos animaram a transcrevê-los. O caráter religioso, e não comercial, ficou mais evidenciado quando a rezadeira se negou a receber qualquer pagamento por nos ditar a incelença profética.

O exemplo nos mostra como o inconsciente coletivo quis naquele cadáver individual simbolizar a humanidade inteira, à espera do holocausto, descrevendo ano a ano as tenebrosas profecias que afligiriam a terra. Mas a incelença citada é um caso extremo, em que não se vêem respeitadas as estruturas musicais e rítmicas das incelenças. Seu tema demonstra a extensão máxima que pode alcançar, nos velórios, a associação dos motivos de morte e extermínio, deixando o caráter particular do defunto e partindo para a generalização de hecatombe e fim de mundo, de guerra total.

Também recolhemos em Lagoa Grande (Paraíba) esta adaptação de incelença e profecia, sem tamanho caráter épico, mas atingindo tôda a humanidade através de um só morto:

Quem gostar dêsse defunto
E ama a religião
Reza tôda esta incelença
E ore sempre com atenção
Do Padim essas palavras
Veja se guarda essas lavras
Dentro do seu coração:

Muita gente nesse mundo
Ao Padim não dá valor
Mas é porque não conhece
Seu poder superior
Vivo assim não é feliz
Morto Deus não é salvador.

Porém meu Padrinho é
Um mensageiro do Divino
Atende no Juazeiro
Homem, mulher e menino
Confessava e batizava
Salva o morto
Com êsse hino.

Êle dizia: meus filhos
Durante esta minha ausência
Quando houver fatalidade
Rezem a minha incelenca
Mas devido aos sofrimentos
Muitos não têm felicidade
Por lhe faltar paciência.

Rogue a Nossa Mãe Santíssima
Ela terá piedade
Ela livra do inferno
Desta grande crueldade
Com a fé na Providência
Deus manda a felicidade
Pra quem reza esta incelenca.

Foi a palavra que Deus disse
A seu apóstolo querido
Que quem com ferro fere
Com ferro será ferido
Aquele que mal faz
Neste julgamento final
Vai chorar de arrependido.

Mais comum foi o uso do Padre Cícero como introdução às incelenças já conhecidas antes do período da sua influência. Assim conseguimos o testemunho de uma senhora quase centenária, da Matriz de Camaragipe (Alagoas), que afirma ter cantado a seguinte incelença sem a evocação introdutória, que teria surgido depois da década dos trinta:

“O Padre Cícero mandou
Mandou, mandou!
Uma incelença mandada
pelo Senhor!
Mãe minha, ó mãe minha,
ó que dor no coração.
Mãe minha, ó mãe minha,
Ai que dor no coração!
O Pade Ciço, mandou
Mandou, mandou
Duas incelenças mandadas
pelo Senhor....

Não deixa de ter especial interêsse esta inclusão de outros elementos folclóricos, até mesmo mundanos, num fato eminentemente religioso como o das incelenças. As aproximações entre o fim do mundo coletivo e a morte individual encontram nos cantos das incelenças o denominador comum inculcado pelas Santas Missões: a culpa, o castigo, a bárbara religião de penas e expiações. Por outro lado, um estudo sociológico das Santas Missões, que há dois séculos deixam a sua marca nos mais distantes rincões do Nordeste, nos permitirá ver o quanto de insatisfação coletiva se traduz nessa justificativa celestial para implantar castigos — a tal ponto a estrutura feudal marginaliza o homem do campo nordestino em vida que a religião serviria de explicação para êste estado lastimável, invocando culpas originais para desculpar os males antes da morte.

No plano ainda das considerações das inter-ligações de outros motivos folclóricos, uma simples e bela cantiga de romaria ao Juazeiro aparece transformada em incelença:

Ó que caminho tão longe
Tão cheio de arroteio
Valei-me meu Padinho Cirço
E a Mãe de Deus das Candeia

No céu só canta os anjo
 No má só canta a sereia
 Valei-me meu Padinho Cirço
 E a Mãe de Deus das Candeia

Quando entrei na casa santa
 O sangui fugiu-me das veia
 Valei-me meu Padinho Cirço
 E a Mãe de Deus das Candeia

Outras incelenças que poderíamos arrolar como derivações diretas dêste outro motivo folclórico — o Padre Cícero Romão Batista — têm no fato de tratarem do Padre o seu maior interesse e mereceriam um estudo à parte. Nelas, assim como na literatura de cordel, nas pinturas e estampas populares, o Pade Cirço é “fio da Virge Maria”, e sua mãe na realidade, Dona Canô, se funde à imagem de Nossa Senhora das Candeias ou Nossa Senhora das Dôres, tornando-se santa e mãe de Deus. O que a criatividade popular fêz em tórno de seu “Santo” ultrapassa a canonização e chega literalmente ao endeuzamento.

A incelença, que um matuto do engenho Recanto de Vigosa (Alagoas), definiu numa frase hoje famosa como a “touceira da boa prosa”, tem no interior do Nordeste um caráter de encontro social, comparável ao mutirão ou aos sambas, mas sempre de fundo religioso.

O memorialista Guedes de Miranda (“Poeira do Tempo” Publicação da Secretaria de Educação e Cultura do Estado de Alagoas) conta o caso de uma moça que declarava não ter casado por não ter tomado parte em folguedos e sentinelas. A velha Guiomar, personagem da peça “A Incelença” de Luís Marinho, diz a respeito das moças e rapazes que se divertem com namorisco e adivinhações, durante a função: “Vem pra cá só pra chamegar mais os home... um Padre Nosso não rezam...”. Ao que a beata Perpétua replica: “Agora chame pra comer e beber que num instante elas se aprontam”!.

O mesmo Guedes de Miranda se refere, na infância, a

“uma farra com café e bolacha, aguardente e rezas bárbaras”, como sendo sua imagem de menino das noites de incelenças, onde ao lado das conversas surgiam brigas e discussões. A bebida servida noite a dentro explica os frequentes distúrbios e, às vezes, até ferimentos e outras mortes — de uma só incelença saem dois ou três cadáveres, além de gente prêsa pela interferência da polícia.

Dos aspectos mais estranhos e curiosos de que temos notícia no capítulo incelença, dentro do folclore nordestino, chamamos atenção para as incelenças de Senhor Morto. Quando chega a Sexta-Feira da Paixão, na Semana Santa, a população simples e ingênuamente religiosa vê no Cristo Morto, em exposição na matriz, motivo daqueles cantos que especificamente preparam a entrada no céu do pecador falecido. Assim cantam-se a Deus súplicas para o recebimento de Jesus crucificado, perdão pelos pecados cometidos em vida e lembrando a intercessão dos santos ou até do próprio Deus morto. Sem se preocupar com a problemática religiosa e teológica, nem tentando ao menos adaptar a letra, os fiéis cantam as incelenças apenas considerando o Cristo morto como o defunto daquele dia. As duas incelenças que citamos foram ouvidas, entremeadas de rosários, por uma tarde inteira na igreja matriz de Deodoro, antiga capital do Estado de Alagoas, junto à imagem exposta diante do altar para adoração pública:

Uma incelença,
 ó meu Deus,
 Senhor Deus!
 Senhora das Dores
 Os anjos estão no céu
 Cantando louvores

Duas incelenças,
 ó meu Deus,
 Senhor Deus!
 Senhora das Dores
 Os anjos estão no céu
 Cantando louvores

Uma incelença
é de Santa Madalena
Tanto sangue derramado,
Jesus, seu filho é morto!

Duas incelenças
é de Santa Madalena
Tanto sangue derramado
Jesus, seu filho é morto

A seguinte incelença foi recolhida na Sexta-Feira da Paixão comemorada em Sapé, pequena localidade da Paraíba:

Uma incelença
É da Virgem do Rosário
Que do vosso ventre
Formou-se um sacrário
Sacrário aberto,
Senhor saiu fora,
Companha essa alma
Que vai prá Gulora!
Companha essa alma
Que vai prá Gulora!

Duas incelença
É da Virgem do Rosário
Que do vosso ventre
Formou-se um sacrário
Sacrário aberto }
Senhor saiu fora } (bis)
Companha essa alma }
Que vai pra Gulora! } (bis)

* * *

Sabemos que uma das constantes do ritual das incelenças, que nunca são cantadas com acompanhamento instrumental nem por várias vozes, é a repetição das estrofes, pois as frases rimadas tantas vezes repetidas teriam o dom de convencer as

fôrças celestiais. A única variação nas palavras, neste caso mais constante e quase único de canto fúnebre, seria o número que cresceria de um a doze. Habitualmente só no caso da incelença que se entoa para vestir a mortalha, é que se precisa de uma duração específica; aí o canto se estenderia o tempo necessário para a execução da tarefa. De outro modo, admite-se que o número doze tenha relação somente com o número de horas do relógio. Em sua forma mais singela, citemos dois exemplos:

Uma incelença
Que Nossa Senhora
Deu a Nosso Senhor
Esta incelença
É de grande valor

Duas incelença
Que Nossa Senhora
Deu a Nosso Senhor
Esta incelença
É de grande valor

* * *

Já é uma hora
Que os anjos
Vieram te ver
E êle vai,
E êle vai,
E êle vai
Também com você.

Já é duas horas
Que os anjos
Vieram te ver
E êle vai

* * *

No caso do ato de vestir, canta-se com o tempo especificado:

(nome do morto)
 Te alevanta
 Pra vestir
 A derradeira camisa
 Já deu uma hora,
 Deu um dia,
 Pra tu te afastar
 da tua família.

* * *

Que já deu duas hora,
 Deu dois dias
 Pra tu te afastar
 Da tua família

* * *

Só vindo a terminar com a mortalha vestida.

Quando o defunto é criança, tendo tido portanto menos oportunidade de pecado em vida, é costume cantarem as incelenças somente até o número sete. As sete horas repetidas bastarão para preparar o caminho celestial de um menino, quando os adultos necessitam de doze.

Em volta dêste costume folclórico, também surgiu a lenda de que, ao iniciarem os cantos, Nossa Senhora comovida se ajoelharia para interceder pelo morto. A Compadecida só poderia se levantar quando as doze horas tivessem sido entoadas, e no caso de interrupção, a mãe de Deus continuaria ajoelhada atraindo um pêso enorme contra a alma em questão, que não se salvaria.

Os benditos, outra forma de oração popular, que frequentemente seguem as procissões e outros festejos religiosos, quase se identificam com os hinos cantados nos centros urbanos, muitas vezes tomam feição de incelenças. Mestre Cascudo diz que as incelenças são cantadas aos pés do morto, enquanto os benditos são entoados à sua cabeceira. Não conseguimos comprovar a

uniformidade desta prática, mas com frequência constatamos benditos — e até simples hinos religiosos de origem européia — cantados de permeio com as incelenças propriamente ditas, num velório. Um dos benditos mais populares, no caso, é o seguinte, recolhido em Juazeiro:

Padinho Cicero Romão
 Já nosso adivogado
 lá no reino da Gloria
 nós seremos perdoados

Nos abençoe meu padrinho
 lá em seu reino sagrado
 no reino do paraizo
 nós seremos abençoados

Se lembre sempre de nós
 seja de nós lembrado
 na hora da nossa morte
 esteja sempre a nosso lado

Espera por nós um dia
 quando também for chamados
 desta vida pra outra
 como o morto velado

Quem me dera Jesus meu
 contra vós não ter pecado
 tantos dias que passamo
 junto com vós adorado

Nos dando tanto concelho
 Pra não cairmos em pecado
 recomendando o rosário
 pra sermos filhos amados

Na era de 44
 a 24 de março
 ficou este mundo santo
 por São Bom Jesus dos Passos

Na era de 34
a 20 de julho findado
se separou-se de nós
por causa de nossos pecados

meu Jesus onipotente
tenha de nós piedade
nos cubra de graça e luz
faça esta caridade

Se lembre daqueles dias
que junto de nós estava
prestando juramento
e a mãe de Deus entregava

Tanto conselho deu
recomendando resar
que não percam um só dia
que eu garanto salvar.

O meu Deus que doce pai
que sempre nos avisava
nos defendia do mal
de todo mal nos livrava

Passou mais de noventa anos
com madeiro pesado
sofrendo junto com nós
nos livrando do pecado

Foi ao ceo pedir por nos
pra por nós esperar
lá no dia do juízo
quando nós ressussitar

Cidade de Juazeiro
de Jerusalém Orather (orate?)
é uma terra de grandeza
de Agnus Dei o frate

Cidade de Juazeiro
seu nome é diferenciado
foi enviado por Deus
por Deus foi enviado

Minha Santa Mãe de Deus
Tenha de nós piedade
me cubra com vosso manto
e a nos abençoava

A sua consagração
que a nos consagrava
alevantava os seus braços
e a nos abençoava

Ofereço esse bendito
a meu padinho C. Romão
no reino do paraíso
dê a nossa salvação.

Costumam atribuir às incelenças, além da redenção dos pecados do morto, um efeito benéfico no momento da morte, quando o canto garantiria a salvação do moribundo. Nestes casos, ouvimos com frequência a seguinte invocação:

Lembra-te do nome de Jesus, irmão
Lembra-te do nome de Jesus, irmão.
Jesus nasceu
Jesus vivo é
Acompanha Jesus
Maria e José
Lembra-te do nome de Jesus, irmão

No momento exato da morte, se exclama:

Acudi Senhor
Acudi agora
Acômpañhai essa alma
Que vai pra Gulora!

Também é frequente a chegada de penitentes, encapuçados e vestidos de longa túnica, se flagelando com maxixes. São homens que cometeram crimes de morte, na maioria das vezes, e que vêm naquele suplício público, ainda que com os rostos cobertos, uma oportunidade de redenção. É de péssimo tom tentar descobrir a identidade de um penitente. Ouvimos em Penedo (Alagoas) a seguinte interferência de um penitente:

São Lunguinho era judeu
O peito de Deus furou
O sangue correu, foi no rosto
Que a vista quilarizou
Lá no pé da cruz pesada
Maria o manto deixou
Quem vos pediu foi, ó Santana,
Pra cobrir Nosso Senhor!

As primeiras incelenças, cantadas no início do velório, não se prendem especialmente a características determinadas, só podem ajudar para o primeiro contacto com a justiça divina, como mostra esta popularíssima incelença:

Tenho meu rosário
Pra nêle eu rezar
Tenho o meu rosário
Pra nêle eu rezar
Mais Nossa Senhora
Quando eu lá chegar.

Quando eu lá chegar
Com muita alegria
Rezando o rosário
Da Virgem Maria
Rezando o rosário
Da Virgem Maria.

Posteriormente, os rogos tornam-se mais pungentes:

Uma incelença,
Ó Mãe, Senhora Minha,

Eu levo, eu peço, eu rogo,
Uma salve ó Rainha
Eu levo, eu peço, eu rogo,
Uma salve ó Rainha.

Duas incelença,
Ó Mãe, Senhora Minha,

* * *

ou então:

Uma incelença,
Meu Jesus está me chamando
Papai eu vou,
Meu Jesus está me chamando
Papai eu vou,
Mamãe fica chorando,
Papai eu vou,
Mamãe fica chorando.

Duas incelença,
Meu Jesus está me chamando

* * *

Num segundo momento, começam a incentivar diretamente o defunto, numa invocação pessoal:

Levanta irmão pecador,
Do leito em que estás deitado
Vem ver Jesus em tormento
Por causa de teus pecados
As almas do purgatório
Já choram arrependidas
Por não fazer penitência
Enquanto tiveram vida!

Outras incelenças se prendem às partes do dia, isto é, ao crepúsculo ("o sol se incrisou", isto é, se eclipsou), quando a

reza começa de dia, e ao romper do sol, quando se estende pela noite tôda:

Ave Maria, Deus me chamou
Ave Maria, Deus me chamou
Lá vem a barra do dia
Lá vem a Virgem Maria
Lá vem o anjo do céu
Para a tua companhia.

(bis)

Ainda outras incelenças apregoam méritos do defunto:

Uma incelença
Foi quem mereceu
Palma capela e fulô
Vai cantar mais os anjo
Lá no reino do Senhor

Duas incelença
Foi quem mereceu

etc...

Encontramos também cantos fúnebres especializados na enumeração das partes do corpo ou das partes do vestuário:

Mãe minha,
Ó Mãe minha,
Ai que dor no coração.
Abre a porta Pedro,
Abre por favor,
Pra eu tirar meu *braço*
Que a porta imprensou.

Abre a porta Pedro,
Abre por favor,
Pra eu tirar minha *mão*
Que a porta imprensou.

* * *

Pra eu tirar a cabeça

Pra eu tirar minha perna
Que a porta imprensou

Além da já citada incelença para vestir a mortalha, há a que precede a saída do caixão ou rêde de defunto. É a despedida da família e dos amigos:

Uma incelença
Entrou no paraíso
Adeus, (nome do morto), adeus
Até o dia do juízo.

Duas incelença
Entrou no paraíso

* * *

Encontramos igualmente cantos que mostram que a alma ainda não se despregou do corpo, isto é, não enfrentou o julgamento eterno, para se beneficiar das cantigas sagradas:

Ó alma bendita,
por quem estás esperando?
Por uma incelença
Que está se rezando.

Ó alma bendita,
por quem está esperando?
Por duas incelença
Que está se rezando.

Já nesta incelença vemos um início de diálogo; a alma invocada ouve a pergunta na segunda pessoa do singular, e se dá uma resposta em linguagem direta. O que se pode encontrar de esbôço cênico nas incelenças, parece-nos ter suas origens neste diálogo esquemático, pois a potencialidade dramática advém na medida em que os presentes assumem outras

personalidades, quer dizer, quando se transformam em personagens.

Como se trata de uma dramaticidade não elaborada, dentro do seu primitivismo todos os presentes assumem as diversas figuras que dialogam e levam a um desenlace as perguntas dramáticas. Entendemos êste termo na sua acepção de ação vivida e não narrada, como o definiu Aristóteles na sua *Arte Poética*.

Reparem que os que rezam não dizem: “a alma responde que estava esperando as orações”; êles encarnam a alma, respondem por ela, ou por outros personagens, como veremos, e tomam para si, usando a primeira pessoa do singular, as falas do diálogo.

Observem como êste diálogo caminha, oscilando entre o épico e o dramático, isto é, entre o narrado em sua construção indireta, e o vivido, apresentado diretamente enquanto ação:

Demônio:

Chego nas casa iludindo
Muito dinheiro conduz
Quem é o dono da casa?
Com um gesto de quem seduz

Todos — respondem com fé —

O dono da casa é
O coração de Jesus.

Na própria fala do demônio, pelo meio da incelença, há uma hesitação entre a terceira pessoa do singular, que tornaria narrativo o debate (“conduz” e “seduz”) e a primeira pessoa (“Chego” e a pergunta direta), que daria contemporaneidade da ação. Continua a peleja acrescentando uma dimensão circunstancial (“respondem com fé”) que viria antecedendo a resposta direta (“O dono da casa é...”).

Na passagem seguinte a definição para o dramático aparece menos dúbia:

Demônio:

Como se chama o senhor?
Diga logo como é.
Responda com muita fé

Morto:

O senhor não tem razão
Os donos da casa são
Jesus, Maria e José.

A frase que surge dando a circunstância (“responda com muita fé”) pode tomar o caráter de fala direta dos espectadores da disputa entre o diabo e a alma, e não — como forçosamente na parte anterior — com o cunho de observação episódica e descritivo-narrativa.

O melhor exemplo que recolhemos, porém, já mostra inteiramente definidos os contornos do dramático. Em primeiro lugar, engloba um elenco mais desenvolvido de personagens: as rezadeiras presentes (isto é, as pessoas em suas personalidades próprias)

São Miguel
o Demônio
a alma do morto

Está patente a ausência do narrador. Os espectadores têm uma atuação definida. A sua estrutura econômica dispensa os entrecchos que permeiam tôda a literatura de cordel, mesmo a que lança mão de eventuais diálogos. No potencial de dramaticidade da literatura de folhetos populares, sentem-se os obstáculos explicativos (“e êle então disse”, “e assim falou”, etc.), que no seguinte exemplo de incelença foram abolidos por completo, com grande proveito para o efeito cênico-dramático. Com

o aparecimento súbito das falas das personagens, cada um defende a sua parte com maior impacto teatral:

Rezadeiras:

Ó Migué, ó Migué,
Ouve a voz
De quem te chama.
Manda buscar
Essa alma
Faz um dia
Que arrecrema.

(Continuará a incelença com a progressão numérica: “faz dois dia/ que arrecrema”, “faz três dia/ que arrecrema”, etc.)

São Miguel:

Ó de casa,
Ó de fora,
o inferno estremeceu
Eu vim buscar
essa alma
por ordem da Mãe de Deus.

Demônio:

O Migué, ó Migué
Ouve a voz
que arrecrema.
Essa alma
eu não te dou
que já hoje
faz um dia
que essa alma
aqui chegou.

(Também a réplica do demônio sofre a mesma progressão numérica da fala inicial das rezadeiras:

Essa alma eu não te dou/ que já hoje faz dois dia/ que essa alma aqui chegou... Essa alma eu não te dou/ que já hoje faz três dia, etc...)

São Miguel:

Nem que faça
Quinze ano
Essa alma
eu sempre levo
quem mandou buscar
essa alma
foi a Mãe
do Padre Eterno.

Alma do Morto:

Bendito
louvado seja
o coração de Maria

(bis os três versos)

Que ontem
eu estava
no interno
E hoje
no céu
de alegria.

Podemos afirmar sem medo que uma busca mais sistemática poderá levar adiante o que apenas esboçamos nesta pequena monografia, tanto do ponto de vista de análise das implicações sócio-econômicas das incelenças, dentro do baixo nível de vida das comunidades do interior nordestino, como do ponto de vista da potencialidade dramática. O estudo que os folguedos populares mereceram e que atualmente os caracteriza como um anseio legítimo de um status econômico melhor (basta pensar na simbologia representativa do Boi: maravilha ou reino de festa e fartura, perseguido e cobiçado, de-

fendido, morto e devorado como um deus que distribui suas fôrças) e, por outro lado, como esquemas de espetáculos de alta potencialidade dramática (com um elenco de personagens, réplicas fixas e outras improvisadas, situações dramáticas pré-estabelecidas com possibilidades de desenvolvimento variado, etc.) está para ser feito, em profundidade com o repositório de orações populares.

No terreno da análise das implicações sociológicas e do possível uso dramático, a literatura de cordel já vem merecendo dignos estudos, principalmente da parte do dramaturgo Ariano Suassuna, professor de Estética da Escola de Arte Dramática da Universidade Federal de Pernambuco. Parte de sua obra criativa, como o *Auto da Compadecida*, se deriva diretamente de autos, folhetos ou romances populares (O Testamento do cachorro, Lampião no Inferno, O Gato que descome dinheiro, etc.). Quanto aos folguedos populares, especialmente o Bumba, a Nau Catarineta e o Pastoril, já receberam do Professor Hermilo Borba Filho três estudos de grande expressão dentro de nossa bibliografia folclórica e dramaturgica. Nosso modesto ensaio poderá chamar a atenção do terreno a ser estudado por folcloristas mais capacitados. Asseguramos, de antemão, que o campo é riquíssimo e sugestivo.

Por outro lado, o processo inverso já recebeu o apreço de um de nossos melhores dramaturgos regionalistas, Luís Marinho. Trata-se de um teatrólogo que se filia à dita escola nordestina, que conta entre seus representantes o já citado Suassuna, José Carlos Cavalcanti Borges, Francisco Pereira da Silva e outros. Em sua obra, a preocupação com o uso dramático do folclore é uma constante. Na peça que mencionamos no início de nosso trabalho "A Incelença", vemos focalizado um velório em que as personagens cantam várias inceleças sempre numa preocupação de entrosamento dramático entre o sentido do canto fúnebre e a situação dramática em desenvolvimento. O autor, ao contrário do que sugerimos com as várias inceleças dialogadas, em que se vê a potencialidade do dramático inconsciente e coletivo, faz um bom uso da forma religiosa folclórica dentro de um propósito artisticamente consciente.

Esclarecemos melhor os dois pontos de vista criativos: um inconsciente e coletivo, outro consciente e individualizado. Se, de uma forma, constatamos elementos de teatralidade seja na inceleça, seja nos folguedos do tipo Cavalo Marinho, ou ainda na literatura de cordel e nos romances populares, num outro processo de manipulação do patrimônio folclórico, vemos autores interessados no uso destes elementos dentro de uma estrutura teatral estética e tènicamente elaborada.

O exemplo mais completo que damos nas páginas 23 e 24 fixa a primeira atitude criativa; a peça "A inceleça" dá mostras das riquezas do segundo processo criador. Passemos a analisar alguns de seus excelentes efeitos dramáticos.

1. — A dissociação entre os que visitam a família do morto, participam dos cantos, dão "pêsos" (pêsame) e velam parte da noite e os sentimentos místicos fanáticos das rezadeiras e beatas, além da tristeza natural da família enlutada. Os presentes, na sua maioria, se divertem com "advinhas", namoricos e anedotas, provocando a ira dos mais velhos. O ambiente de festa que para muitos é uma noite de inceleça. Conferir com os testemunhos de Guedes de Miranda (Poira no Tempo) e as ocorrências policiais em dia de inceleça.

O álcool como elemento constante e preocupação dos visitantes; o escapismo pelo alcoolismo.

O abismo entre o apocalíptico e ameaçador das palavras das inceleças e as preocupações verdadeiras dos personagens.

2. — O desraizamento da terra, a falta de integração no trabalho, a marginalização causada por um sistema quase feudal de divisão de propriedades, e o alienante das inceleças, as imagens de pecados e danças infernais.

O autor lança mão de uma das mais patéticas inceleças, em forma de ABC, na cena em que a família é expulsa de sua terrinha pelo proprietário do engenho. Vale a pena apreciar a adequação sutil e contundente das imprecações aos céus e a brutalidade do jôgo de interesses na realidade:

(chega o Senhor de Engenho)

(os dois filhos vão recebê-lo, todos se levantam respeitosa-mente)

1.º Filho:

Mande-me as ordens, senhor coronel.

Sr. Engenho:

Quedê sua mãe? Preciso falar com ela.

1.º Filho:

Espere aí, vou chamar.

Sr. Engenho:

Morreu ainda cedo. Gostei muito dêle. Respeita-
dor, prestativo, pontual... quer dizer, embora ainda
não tenha pago o fôro desse ano... Mas isso se
resolve...

De que morreu?

2.º Filho:

Repetiu aquêle ataque e foi embora o homem.

Sr. Engenho:

Espumou?

2.º Filho:

Que nem um cachorro doente.

d. Sindá (Mãe):

Boa noite.

Sr. Engenho:

Meus pêsames, minha senhora.

Perpétua (a puxadora das incelenças):

Ave Maria, Brandosa e Bela

Côro:

(se ajoelha e se prepara para responder, sempre al-
ternando com as falas)

Perpétua:

Cofrim de graça, Divina estrêla.

Sr. Engenho:

Preciso falar particularmente com a senhora.

Côro:

Diz um A Ave Maria
Diz um C Cofrim de graça
Diz um C cofrim de graça
Diz um D Divina Estrela.

(uma Ave Maria em tom baixo)

Sr. Eng.

Olhe, não vá pensar que é por causa da morte dêle
não. . . a senhora compreende... não preciso mais ar-
render terra... de agora em diante vou plantar cana
apenas. E preciso que a senhora desocupe o sítio.

Côro:

Esperança nossa
Fonte de amor.

Sindá:

Meu Deus, ainda mais essa desgraça.

Côro:

Gênio do Bem
Honesta Flor

Sindá:

Que hei de fazer, meus Deus.?

Perpétua:

Diz um E Esperança nossa

Sr. Eng.

A senhora tem até o fim da semana pra resolver.

Perpétua:

Diz um Fê Fonte de amor.

Sindá:

Três dias...
Três dias não dão nem pra eu chorar minhas ma-
zelas.

Perpétua:

Diz um Guê Genio do bem.

Sr. Eng.

A senhora tem filho homem.

Perpétua:

Diz um H Honesta flor.

Sindá:

O mais velho agora que está buçando.

Côro:

Incenço d'alma
Jóia mimosa
Côro dos anjo
Luz formosa.

1.º Filho:

Quando um peste dêsse morre de uma peixerada.

2.º Filho:

Quero ter o gôsto de sangrá-lo.

Perpétua:

Diz um I incenço dalma.
Diz um Ji Jóia mimosa
Diz um K Côro dos anjo
Diz um Lê Luz formosa

Sindá:

Meu senhor, deixe ao menos apanhar a fava.

Côro:

Mãe dos mortais
Nuvem de brilho

Sr. Eng.:

Não, o prazo é até domingo.

Côro:

Orai por nós por nossos filhos.

Miranda (a filha adolescente):

Mãe, o café está coado, eu trago?

Perpétua:

Diz um Mê Mãe dos mortais.

Sindá:

Traga logo uma xícara aqui pro patrão.

Perpétua:

Diz um Nê Nuvem de brilho

Sr. Eng.:

Mas aquela já é Miranda.

Perpétua:

Diz um O Oraí por nós

Sindá:

É senhor sim.

Perpétua:

Diz um P Por nossos filhos.

Sr. Eng.:

Pois já está uma moça... e bonita; eu estive pensando melhor devido a sua situação... vou deixar a senhora por aqui até que a senhora ache um lugar conveniente que lhe agrade... A senhora pode ficar mesmo plantando sua rocinha que ninguém lhe aperreará. Fique aqui mesmo.

Côro:

Querida das Virgens
Remédio d'alma
Socorrei sempre
Tôdas as almas.

Sindá:

Jesus lhe abençoe, meu patrão...

(e a cena segue até o fim da incelença, sempre intercalando a fala das personagens com a oração)

Creemos que raramente em nossa dramaturgia o folclore foi tão eficientemente aproveitado, em termos dramáticos, como nesta obra de Luís Marinho. E a cena transcrita é um dos mais punjentes momentos de envolvimento do público. A incelença é posta com tôda a sua plangência numa perspectiva de crítica, em que a platéia capta a alienação e o contraste da prática religiosa diante da ferocidade da ambição latifundiária. As palavras de fuga mística, de alto teor poético, tornam-se de um patético incalculável, se revestem de uma melancolia coletiva, uma lamentação de comunidade miserável diante do destino implacável que faz do senhor da terra o senhor dos fatos humanos.

Tanto pela riqueza de suas interpretações sociológicas, ora no sonho da vida melhor, ora nos castigos referidos às culpas bíblicas, como pela sua imensa categoria teatral, a prática das incelenças se nos apresenta como um dos dados de diagnóstico coletivo do mais alto valor. Sua contribuição folclórica, enquanto criatividade do inconsciente popular e fator de análise das ânsias de nossa gente, está esperando seu grande estudioso. Elas comprovam nossa capacidade de criar o belo, e nossa necessidade imperiosa de viver uma vida melhor.

Concepção da Reforma Universitária (*)

O Decreto que instituiu o Grupo de Trabalho atribuiu-lhe a missão de “estudar a reforma da Universidade brasileira, visando à sua eficiência, modernização, flexibilidade administrativa e formação de recursos humanos de alto nível para o desenvolvimento do País”. Os termos do decreto são bastante explícitos e definem um diagnóstico da presente crise universitária, nem mesmo traçar os delineamentos de uma reforma, e sim propor um repertório de soluções realistas e de medidas operacionais que permitam racionalizar a organização das atividades universitárias, conferindo-lhes maior eficiência e produtividade.

Importa, no entanto, indicar a perspectiva em que se situou o Grupo de Trabalho na abordagem do problema, definir os princípios que inspiraram sua concepção da reforma universitária na fase atual de transformação da sociedade brasileira e determinar o alcance das soluções propostas.

Em primeiro lugar, não temos a veleidade de outorgar uma reforma plenamente elaborada, ainda que tivéssemos a convicção da excelência do modelo proposto. Estamos conscientes de que a reforma de uma obra de espírito como a Universidade, tão complexa em seu ser e suas operações e tão diversa em seus interesses e objetivos, não poderia consumir-se em esquemas de ação e de funcionamento que lhe sejam impostos. O objetivo do grupo não é, portanto, *fazer* a reforma

(*) Introdução ao Relatório do Grupo de Trabalho nomeado pelo Exmo. Senhor Presidente da República, em julho do ano passado, para fazer os estudos relativos à reforma da universidade brasileira. Esta introdução foi redigida pelo nosso diretor associado prof. Newton Sucupira, um dos integrantes do referido grupo.